

reflexões sobre
ARTEvisual
v.2 n.13 julho 2021

"MEMENTO MORI"

Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.2 n.13 julho 2021

Periodicidade: quinzenal

Capa: Adaptação de imagem de Andreas Vesalius, prancha 164 do livro “De humanis corporis fabrica”, 1543.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

“*Memento mori*”, do latim, se refere à mortalidade humana, é um lembrete de que todos estão sujeitos à morte e, por isto, ela não deve ser esquecida.

A Morte é o contraponto da Vida e, neste sentido, *Memento Mori* chama a atenção para a Vida, como um bem precioso mas limitado e que, por sua limitação, deve ser bem cuidada, bem vivida.

Muitas culturas a tratam como uma passagem e ao contrário de teme-la, a enaltecem como o fim de uma missão, o cumprimento de um desígnio previamente estabelecido como uma tarefa dada a todos que é Viver.

O tema “*Memento Mori*”, no contexto da Arte Visual, é intensificado a partir da Idade Média quando várias imagens, em geral iluminuras, incluindo crânios e esqueletos humanos, simbolizando a morte. A escolha deste tema para esta edição foi motivada pela percepção da proximidade da morte, agravada pela pandemia provocada pelo Covid 19 e o debate midiático decorrente da ineficiência do poder público em enfrenta-la tempestiva e eficientemente. Com isto, a perda de familiares, amigos, figuras públicas e anônimas tornou-se uma triste e terrível realidade que, no Brasil, já ceifou mais de 500.000 vidas até agora.

Este texto é, neste momento, um lamento a todas as perdas que acometeram as famílias, amizades e pessoas anônimas; é também uma homenagem dedicada aos cientistas e pesquisadores que buscam o conhecimento do vírus, a produção de vacinas e tratamentos; é dedicada aos trabalhadores da saúde que não medem esforços para amenizar a dor de seus pacientes, mesmo enfrentando suas próprias dores; é dedicada a quem atua em serviços essenciais e enfrenta todo dia a adversidade da contaminação; é dedicada a todas as pessoas que continuam lutando pelo seu trabalho sob o desafio de permanecerem vivas para prover o sustento de seus entes queridos.

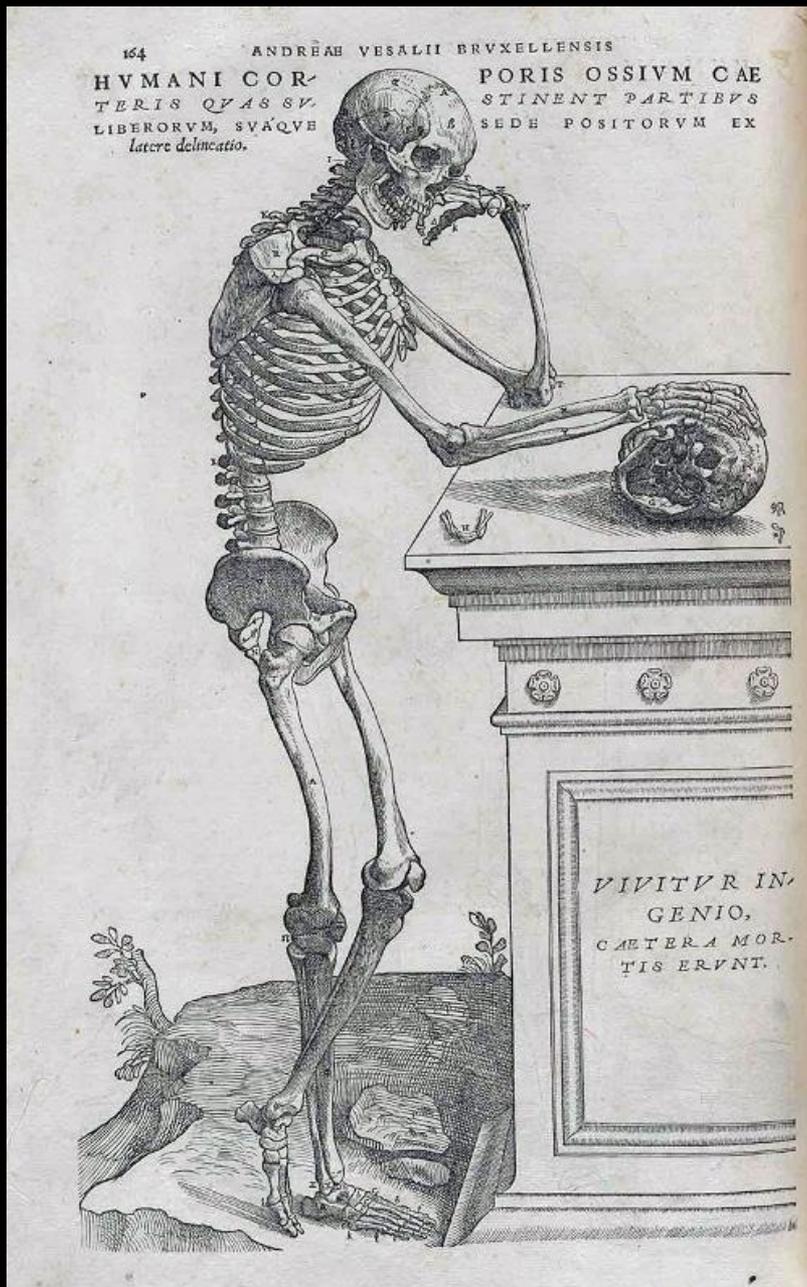


Memento Mori trata de uma morte abstrata, ou seja, algo que acomete a todo ser vivo, não se trata de alguém em particular. Não é uma homenagem póstuma, réquiem ou qualquer outro meio de reconhecimento é simplesmente a constatação da transitoriedade da vida ou falibilidade humana. Neste sentido, pensar a morte como um fato é uma filosofia de vida. A filosofia Estoica assim a trata. Para os Estoicos a morte é natural, como de fato é, e deve ser elaborada com propriedade e não temida. Assim *Memento Mori* se torna um meio de “cerimonializar”, enaltecer ou, pelo menos, respeitar este fato.

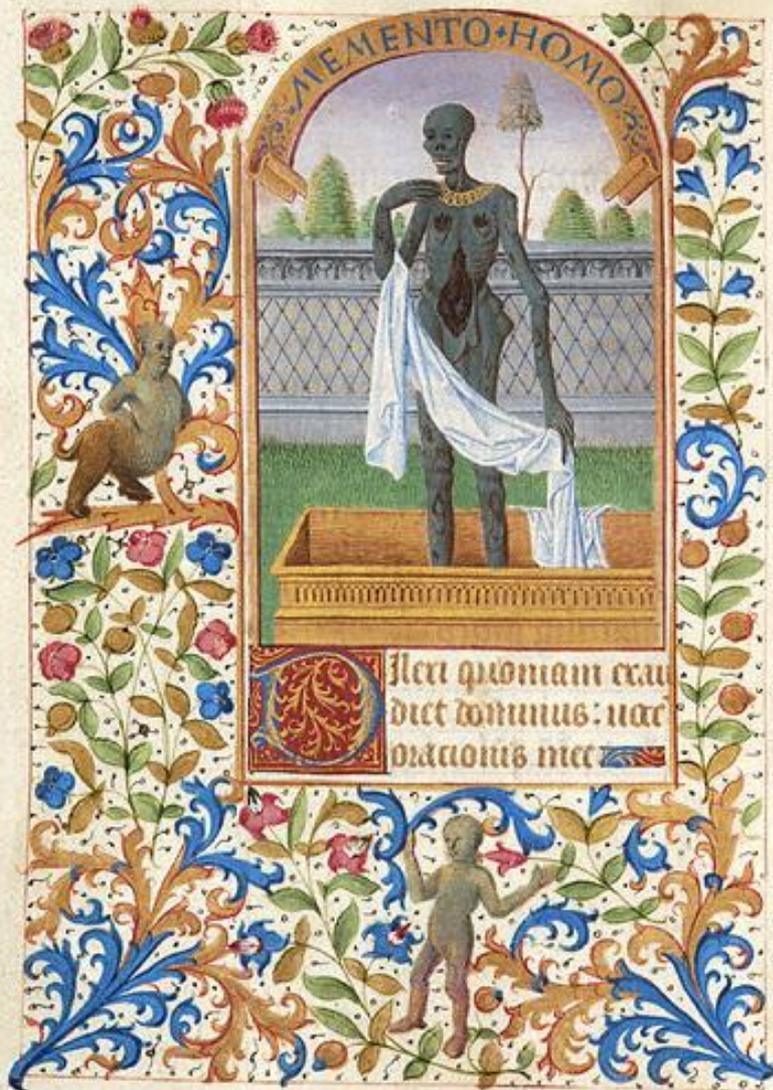
Este tema é, em sua maioria, tratado dentro do gênero Natureza Morta, irônico não? É uma manifestação simbólica, que recorre a símbolos e signos que representam a Morte. É comum a presença do crânio humano em osso, ou seja, uma caveira recorrente na maioria das obras que tratam deste tema, também chamado de *Vanitas*. Esta representação pode ser explícita ou implícita. Há obras em que a imagem revela em detalhes este argumento e outras em que ele é atenuado ou diluído para não parecer uma imposição ou constatação, mas como um aviso ou advertência.

O objetivo deste tipo de manifestação artística é o caráter moral. Quer lembrar a preciosidade da vida e o risco de desperdiçá-la com coisas frívolas e sem sentido, há uma ênfase adicional na efemeridade e insignificância da glória e dos prazeres terrestres confrontados com a certeza da morte e a mortalidade humana. A maior parte dos trabalhos dedicados a este tema foram realizados no período do Renascimento, especialmente pelos artistas alemães, holandeses, flamengos e belgas. Neste período o uso frequente de recursos simbólicos levou os estudiosos a desenvolverem pesquisas sobre a Iconologia e Iconografia.

Os principais elementos simbólicos são: o crânio (a certeza da morte); bolhas (a brevidade e fragilidade da vida e glória terrena); fumaça, ampulhetas e relógios (passagem do tempo); frutas e flores podres (a fragilidade e decadência das coisas terrenas); instrumentos musicais e partituras (a natureza efêmera da vida); livros rasgados ou soltos (o conhecimento terreno); e dados e cartas de jogar (o papel que o acaso e a fortuna vida). Como se vê, é bastante regular a “tradução” destas imagens para a leitura coloquial das imagens que contém estes símbolos.



A imagem que usei na capa desta edição é uma adaptação da imagem original de Andrea Vesalius, correspondente à prancha 164 de seu livro “*De humani corporis fabrica*”, de 1543. Este Memento Mori, lembra uma espécie de lástima, na medida em que um esqueleto parece ponderar à respeito da morte, considerando a presença de um crânio sobre o qual o esqueleto repousa a mão direita e a esquerda sustenta sua própria caveira num aparente ato de reflexão ou consternação. A frequência com que este tema é tratado na Arte Visual, até hoje em dia, é assombrosa, basta procurar:



© Morgan Library, New York



© Morgan Library, New York

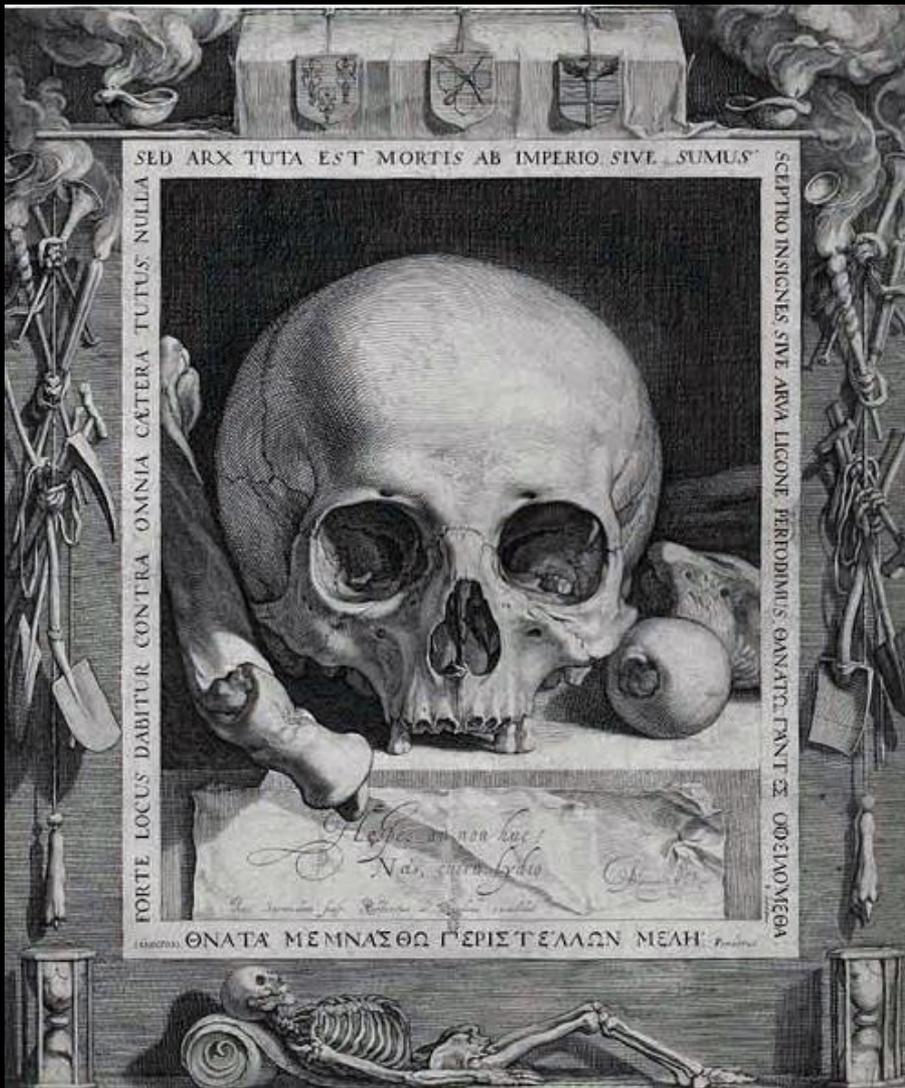
Memento Homo (Memento Mori), Livro das Horas, (de orações). 1465. França.



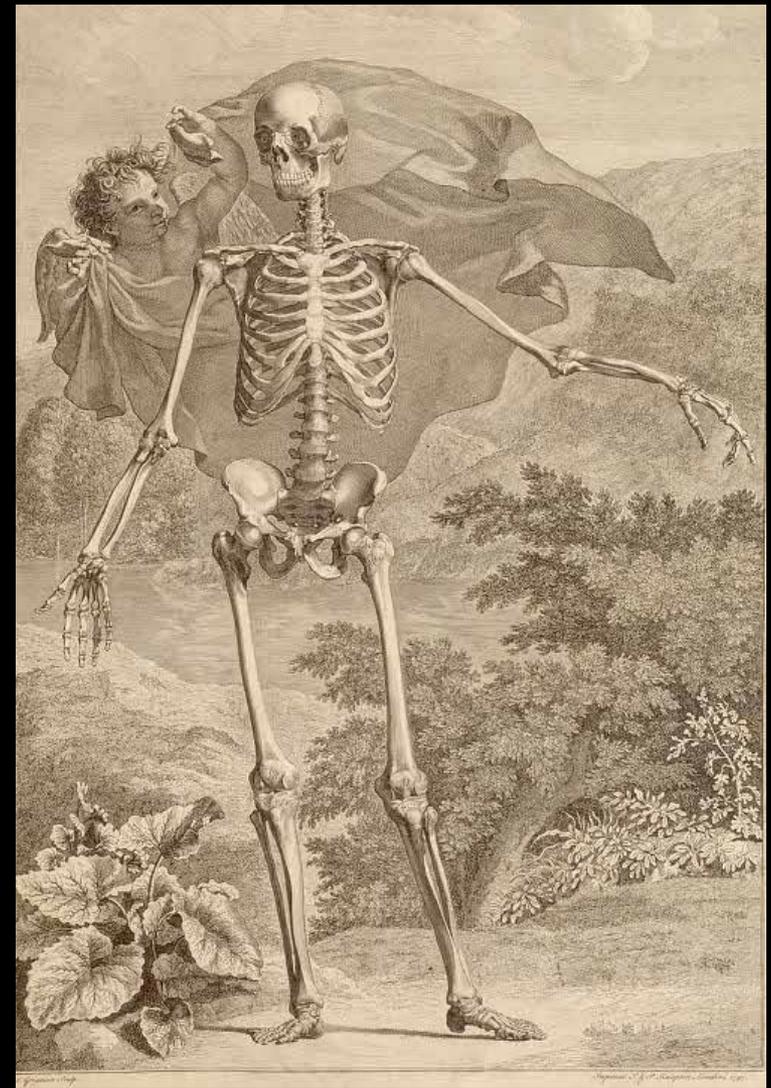
A Duquesa Dionora, com uma caveira como rosto se admirando num espelho, com 'Memento homo' em um roundel à esquerda, num Livro de Horas ('As Horas de Dionara de Urbino'), no início do Ofício dos Mortos, Itália, Florença ou Mântua, 1480.



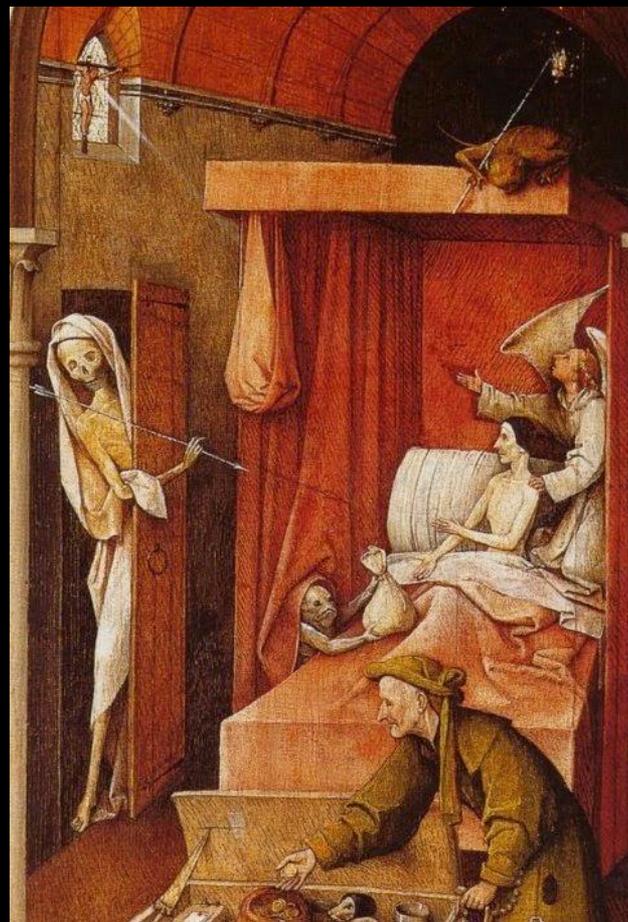
Livro de Horas, Borgonha, França, 1480-90



Memento Mori de Jan Saenredam, final do século XVI.



Memento Mori, sceleti et musculorum corporis humani por Bernhard Siegfried Albinus, 1749.



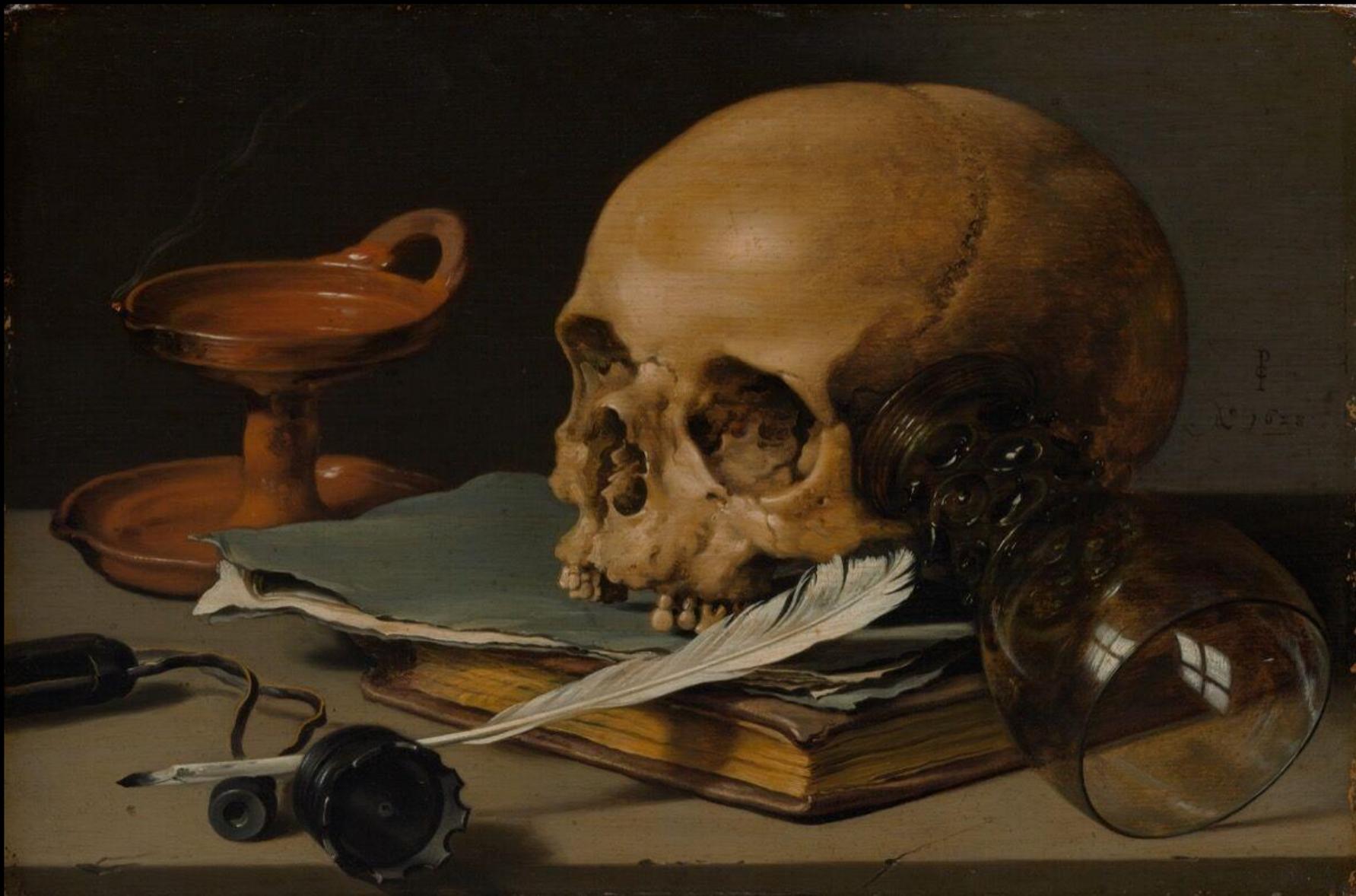
Hieronimus Bosch, “A morte de um avarento”, 1490-1500. Um dos modos de abordar o Memento Mori, fazendo referências éticas e morais às condutas humanas. Os temas morais são frequentemente tratados por Bosch em suas obras.



“Os Embaixadores”, 1533, Hans Holbein, o Jovem. Nesta imagem a figura do crânio aparece distorcido por meio de uma anamorfose na parte inferior do quadro, quando se olha por um certo ângulo, ele aparece corretamente. Observe-se a quantidade de elementos simbólicos referenciados na obra.



“Natureza morta com caveira”, 1671, Philippe de Champaigne. Aqui aparecem os três fundamentos simbólicos essenciais da existência humana: a ampulheta representa o tempo, a caveira representa a morte e a flor de liz representa a vida.



Pieter Claesz, *Natureza morta com uma caveira e uma pena de escrita*, 1628.



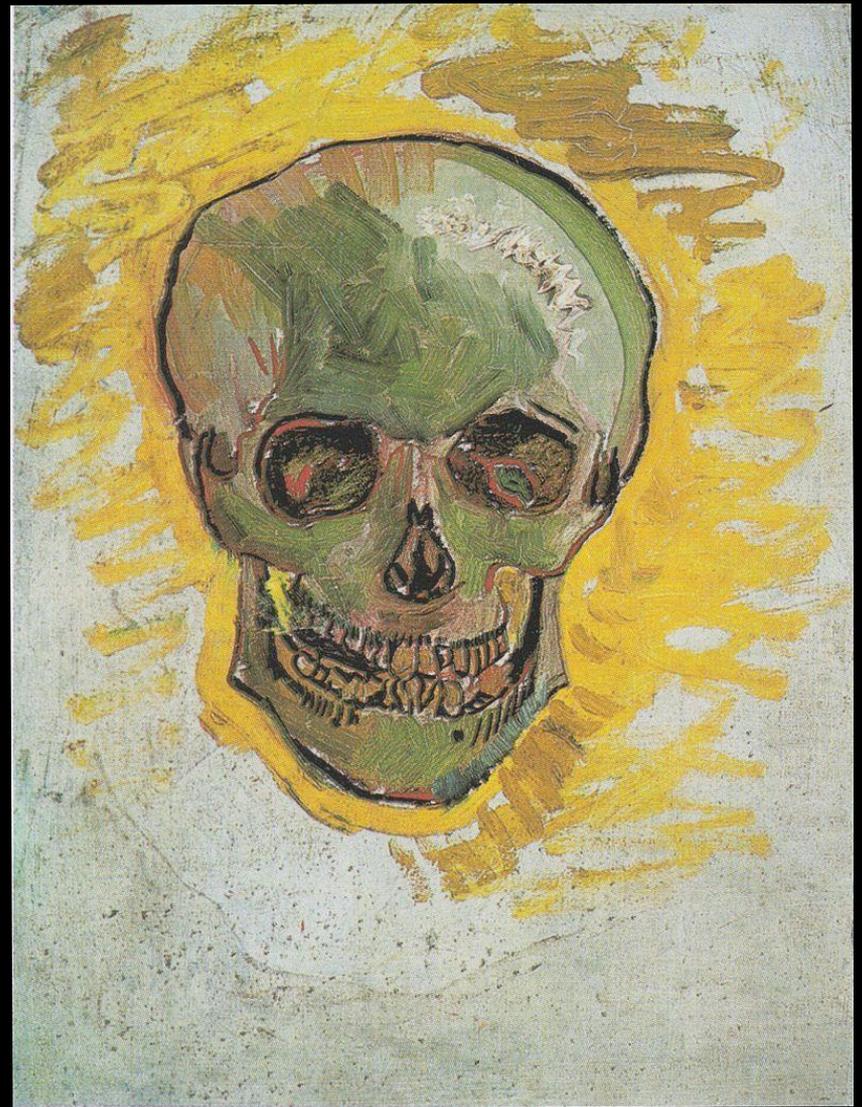
Pieter Claesz, *Natureza morta com uma caveira, violino e esfera*, 1628.

Entre a Idade Média e Idade Moderna, ou seja dos séculos V ao século XVIII, o recurso de utilizar artifícios simbólicos para comunicar ideias era comum. Atribui-se ao papa Gregório I, também chamado de Gregório Magno ou Gregório o Grande, que pontificou entre os séculos VI e VII, a aceitação das imagens nas igrejas como meio de instrução dos fiéis sobre a vida dos santos e mártires cristãos. A ele é também atribuída ordenação do cantochão usado nos rituais da igreja que passa a se chamar, a partir do século IX, de Canto Gregoriano. A história da Arte é pródiga em símbolos, embora pouco recorrentes hoje em dia.

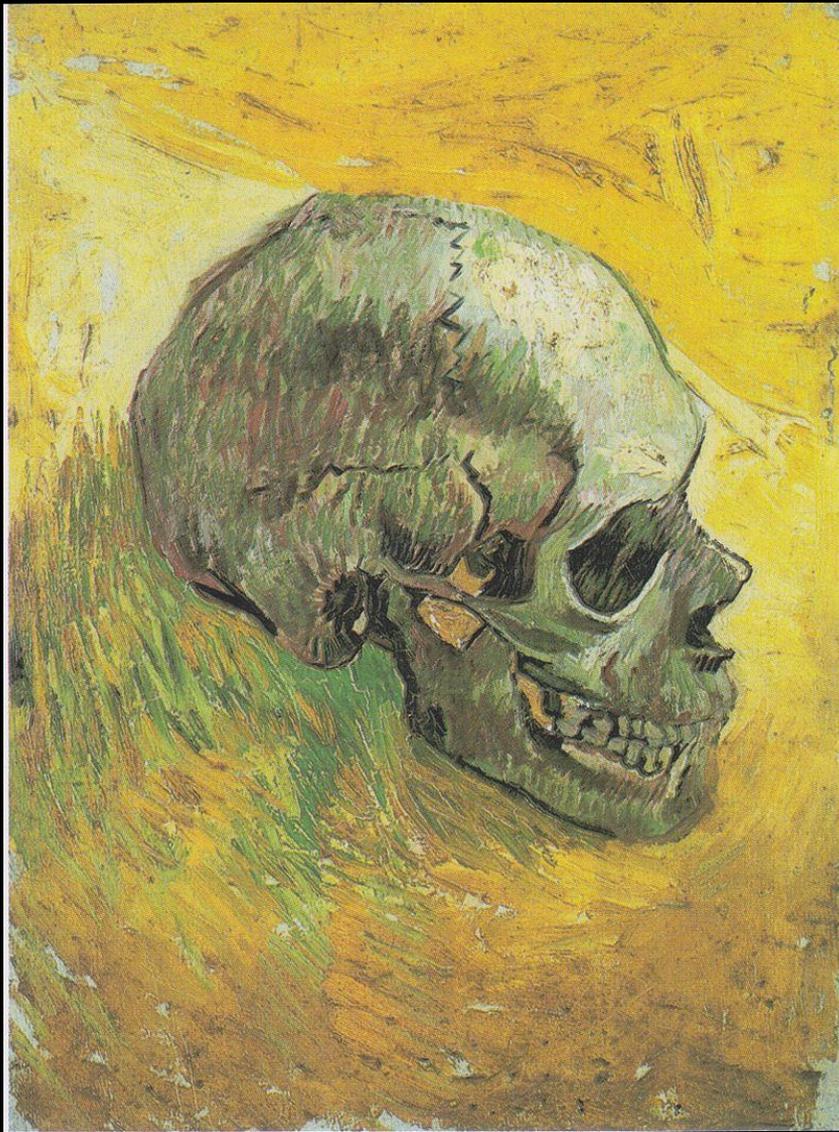
O Modernismo, a partir do final do século XIX, aboliu a tradição clássica do contexto visual de suas manifestações artísticas, no entanto nem todos artistas deixaram de recorrer aos valores simbólicos que alguns elementos impunham às suas obras e de certo modo, abreviavam os sentidos, facilitando aos apreciadores melhor entendimento. Uma das principais recorrências é justamente o Memento Mori. Alguns exemplos podem ser destacados desde o século XIX com artistas do Modernismo que recorreram a este recurso com ou sem intenção.



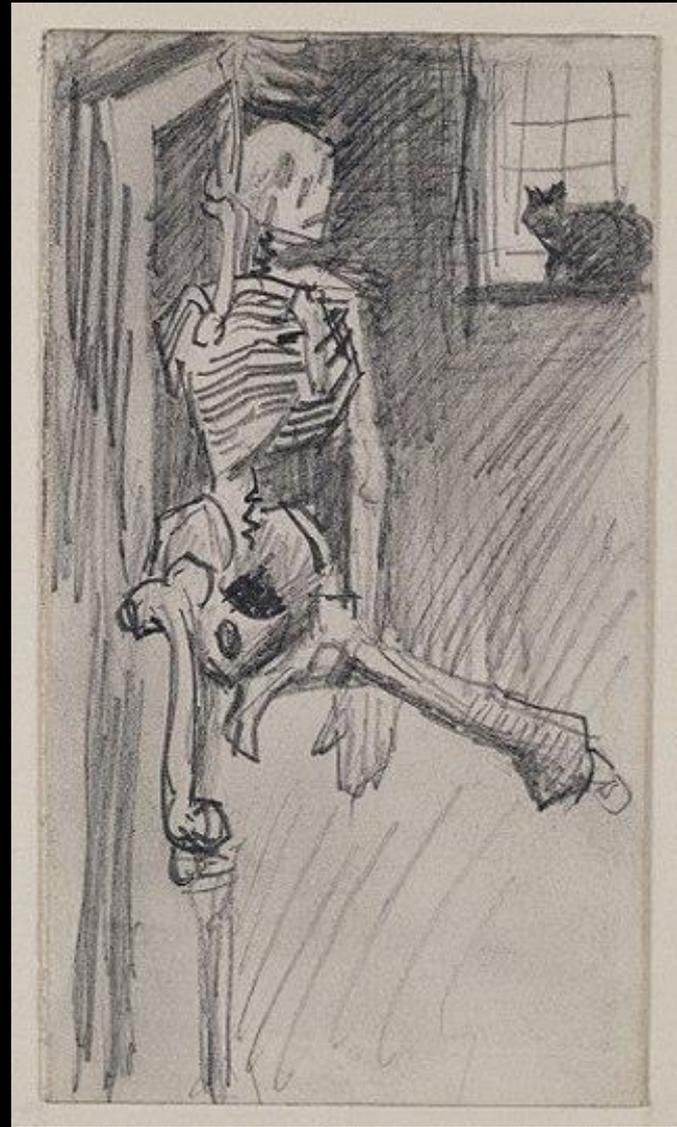
Van Gogh, Skull com cigarro aceso, 1886.



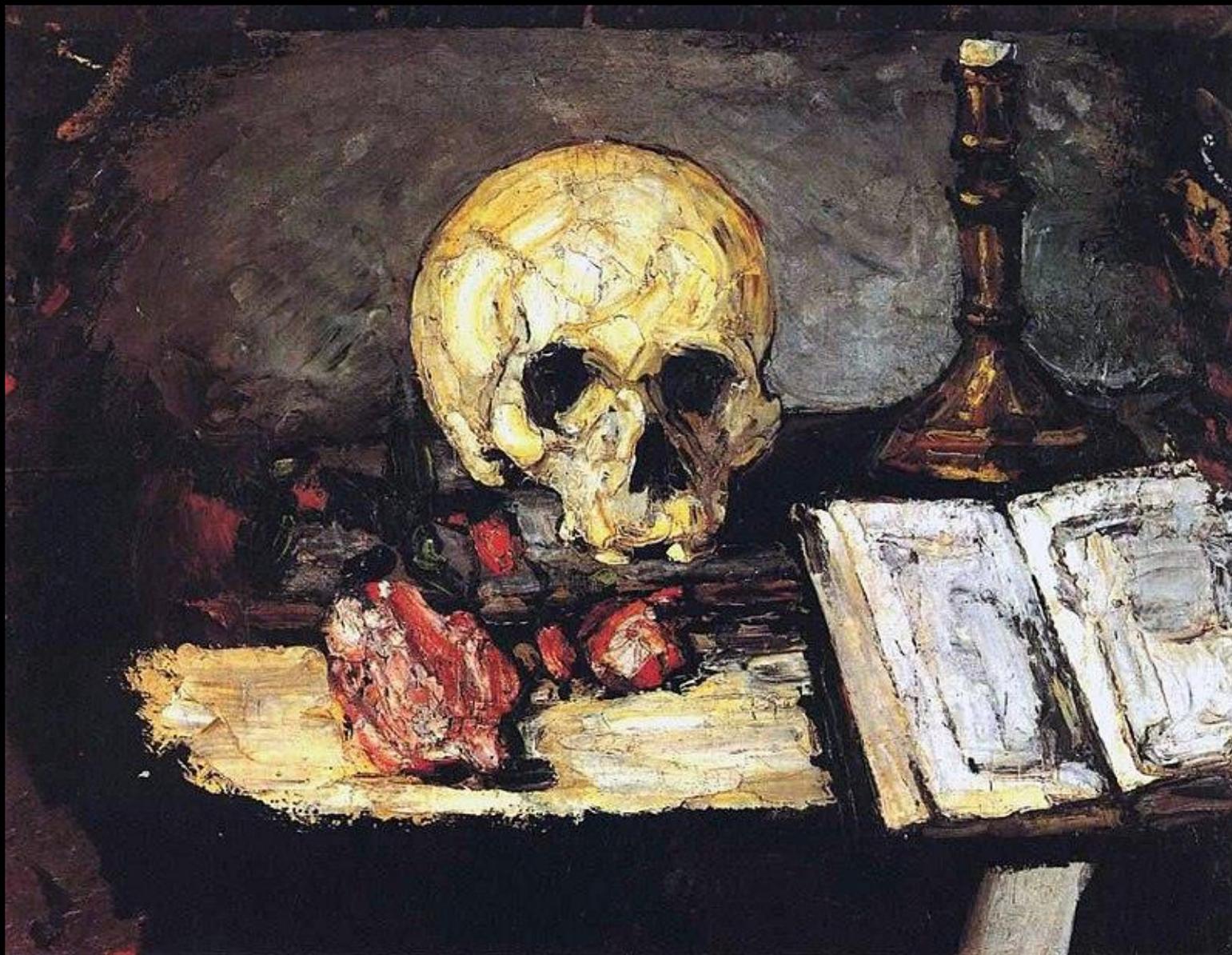
Van Gogh, Skull, 1886-87.



Van Gogh, "Caveira", 1887-88.



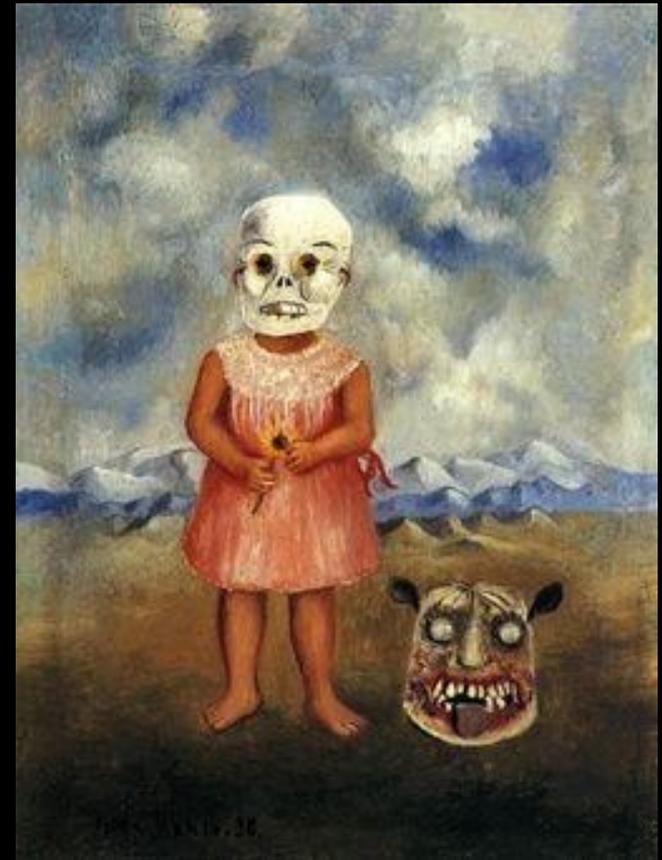
Van Gogh, "Esqueleto pendurado e gato", 1886.



Paul Cezanne, “*Natureza morta com caveira, vela e livro*”, 1865-1867. Não há dúvidas que se trata de Memento Mori.



Paul Cezanne, em “Pirâmide de Caveiras”, 1901, e “Natureza Morta com Caveira”, 1895-1900, mantém a adoção pelo tema Memento Mori.



Frida Kahlo, “O sonho”, 1940 e “Máscara de Caveira”, 1938. No contexto da cultura mexicana no Dia dos Mortos, (no Brasil dia de Finados) a presença dos crânios é comum, fazem parte dos cultos, das oferendas e folguedos populares. São encontradas fantasias, ornamentos, doces e alimentos na forma de caveiras. Ao contrário do recolhimento, é um dia de celebração da vida.

Salvador Dali, artista Surrealista espanhol, retratou muito bem o contexto simbólico da morte em várias de suas obras, explícita ou implicitamente.



Salvador Dali, "L'Amour de Peirrot", 1920.



Salvador Dali, "In voluptate Mors", 1951, fotografia de Philippe Halsman.



Salvador Dalí, "Bailarina em uma cabeça de morte", 1939



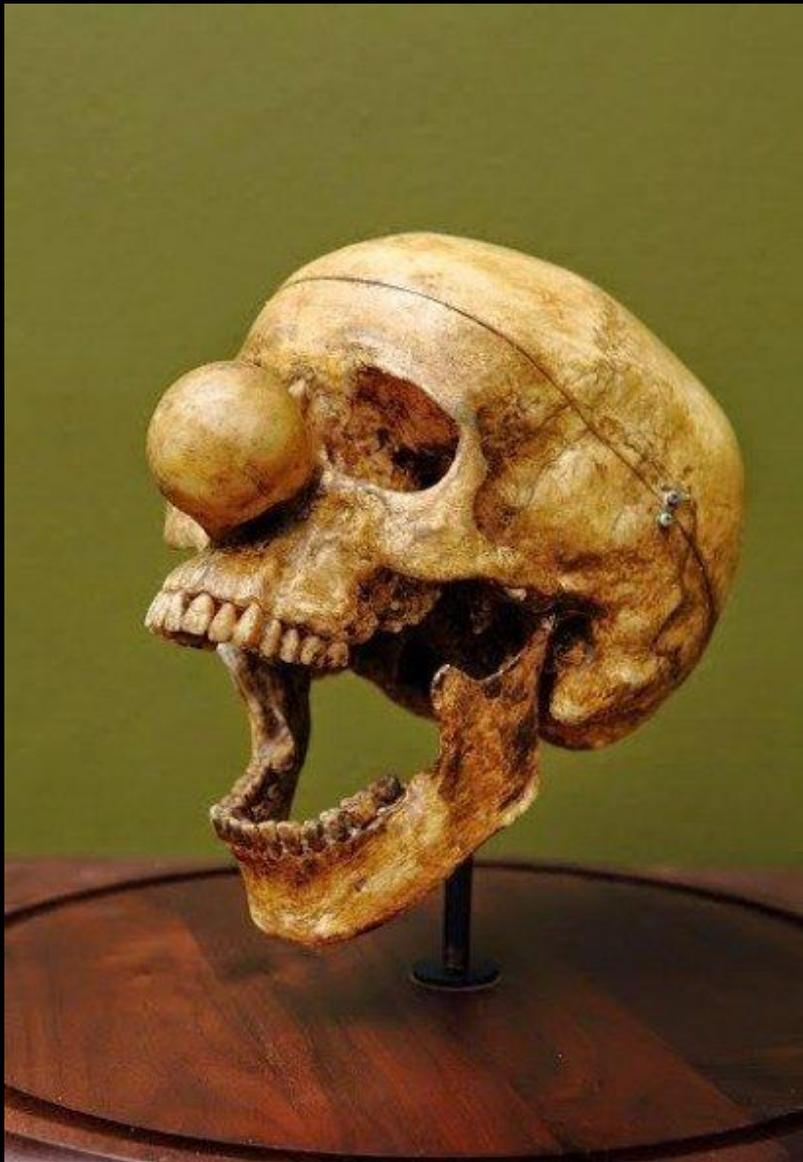
Salvador Dalí, "A face da Guerra", 1940.

Salvador Dali, " O Crânio", 1968.
Dali dissimula a imagem do
crânio por meio de anamorfose.
Para visualizar é necessário a
utilização de um cilindro
espelhado, o que implica não só
numa imagem e sim numa
instalação.





Damien Hirst, artista inglês, mostrou em 2007, na White Cube Gallery em Londres, a obra: *“For the Love of God”*. A caveira foi feita a partir de um molde do crânio de um esqueleto de uma pessoa que viveu entre 1720-1810. Depois de moldado foi fundido em platina e coberto por 8.601 diamantes pesando 1.106,18 quilates. Para se ter uma ideia do valor, apenas o grande diamante no meio da testa vale US \$ 4,2 milhões, a obra deve atingir o valor total de 99 milhões. Nesta obra Hirst subverteu o aspecto moral e ético que define a criação de Mementos Mori, transformando o aspecto simbólico em comercial.



Vik Muniz, “Crânio de palhaço” (Cráneo de payaso) (Yorick 1515-1575), 1989-2010. Aqui a ironia também quebra a austeridade do tema.



O artista indiano Subodh Gupta, realizou a escultura em mármore “*Natureza Morta*” em 2010 e este “*Crânio*” com utensílios domésticos de aço em 2014.



Jean Michel-Basquiat, “Sem título” 1982. Este crânio também alcançou valores astronômicos num leilão da Sothebys Inglesa em NY (110,5 milhões de dólares). Tais valorações destituem o sentido original do tema e os transforma justamente no que a moral cristã combatia.

Não se pode deixar de lembrar do maior Monumento dedicado ao Memento Mori, a *Capela dos Ossos* em Évora, Portugal. Situada na Igreja de São Francisco e construída no século XVII por monges franciscanos que, dentro do espírito da contra-reforma religiosa, do Concílio de Trento, pretendia transmitir a mensagem da transitoriedade da vida. Além do aspecto espiritual, havia uma questão física: na região de Évora haviam quarenta e dois cemitérios monásticos, cujo território poderia ser usado para outros fins. Assim o transladamento dos esqueletos para construir a capela resolveu duas questões.





Capela dos Ossos, Évora, Portugal, com ela, rogo a bem-aventurança daqueles que se que foram....

“Nós ossos que aqui estamos, pelos vossos esperamos”.